

A BIBLIOTECA BRASILEIRA DE BERNANOS

SANDRA NITRINI

Universidade de São Paulo

Resumo

Dentre as obras literárias lidas no período em que viveu em Minas Gerais, as preferências de Bernanos recaem sobre *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, e *Vida de menina*, de Helena Morley. Para compreendê-las e justificá-las, tenta-se reconstituir seu horizonte de expectativa.

Abstract

Among the Brazilian works readed by Bernanos, in the period he lived in Minas Gerais, his preferences were *Memórias de um Sargento de Milícias*, of Manuel Antonio de Almeida and *Vida de menina*, of Helena Morley. In order to understand and justify them, on try to rebuild his horizon of expectations.

Palavras-chave

Recepção crítica, horizonte de expectativa, intermediação cultural.

Keywords

Critic reception; horizon of expectations; culture interaction.

Comunicação apresentada no Colóquio Internacional "As culturas de Georges Bernanos", realizado na Universidade de Paris X, de 24 a 26 de novembro de 2005. Organização de Monique Gosselin-Noal (Paris X) e Max Milner (Paris III).

Bernanos viveu sete anos no Brasil, onde chegou em 1938, com a mulher, seis filhos, sete amigos e com uma considerável bagagem polêmica e literária. Deixou a França para fugir do irrespirável clima político europeu, do qual resultaria o acordo de Munique e, logo depois, a Segunda Guerra Mundial, e, também, para realizar um sonho de adolescente: ser fazendeiro no Paraguai.

Decepcionado com a terra sonhada, Bernanos decidiu fixar-se no Brasil, pelo qual se interessara, ao verificar o quanto sua obra era lida e admirada, durante breve parada no porto do Rio rumo ao Paraguai. Entusiasmados intelectuais católicos foram cumprimentá-lo pessoalmente. Depois de ter passado por Itaipava e Vassouras, no Rio, ficou algum tempo em Juiz de Fora; em seguida, foi para Pirapora, no sertão de Minas e, finalmente, fixou-se no sítio Cruz das Almas, perto de Barbacena, até 1945, quando regressa à França, a chamado de De Gaulle.

A atividade de Bernanos como fazendeiro e criador de gado em Minas resultou num grande fracasso. Mas o saldo de sua presença no Brasil é rico em termos da produção de sua obra polêmica e da relação entre as culturas brasileira e francesa. Os artigos sobre os acontecimentos da Segunda Guerra, publicados em jornais brasileiros, reunidos depois nos quatro volumes de *Le chemin de la Croix-des-Ames*¹ e a sua *Lettre aux Anglais*² foram lidos e discutidos pela intelectualidade da época. Dois de seus romances foram objeto de excelentes traduções *Sous le soleil de satan*³ e *Journal d'un curé de campagne*,⁴ de autoria, respectivamente, de Jorge de Lima e de Edgar da Mata Machado. Os artigos escritos em francês eram traduzidos por

¹ Georges Bernanos, *O caminho da Cruz das almas*, Rio de Janeiro, Atlântica, 1944.

² Georges Bernanos, *Carta aos Ingleses*, Rio, Atlântica, 1942.

³ Georges Bernanos, *Sob o sol de satã*, Paris, Plon, 1926.

⁴ Georges Bernanos, *Diário de um cura do campo*, Paris, Plon, 1936.

amigos brasileiros para serem publicados, dentre os quais, a mais importante foi Lúcia Miguel Pereira.⁵

Monsieur Ouine, romance escrito, com muitas interrupções, num período de dez anos, foi lançado no Brasil em 1943, tendo sido muito bem recebido pela crítica. Os leitores brasileiros perceberam de imediato o alcance dessa obra, o que não ocorreu na França, quando foi publicado pela Plon, em 1946. Salvo raríssimas exceções, a crítica francesa não compreendeu àquela época a nova expressão poética de Bernanos que, renunciando à armadura laboriosamente realista na qual inseria suas visões, explora em *Monsieur Ouine* os recursos do sonho para tecer a rede das imagens mais reveladoras do destino sobrenatural do homem.

A maneira como Bernanos foi acolhido e lido no Brasil tem sido objeto de vários estudos. Resta verificar o outro lado da moeda: o que Bernanos leu da Literatura Brasileira.

Que ele tenha lido escritores católicos seus amigos não é nada surpreendente, como é o caso de Jorge de Lima e Murilo Mendes. É fácil localizá-los entre suas leituras: aparecem de um modo ou de outro nos seus próprios escritos. Ou sob forma de prefácio (do livro *Poemas*, de Jorge de Lima, publicado em 1939), ou por alusões diretas, como numa conferência feita para os estudantes brasileiros, em dezembro de 1943, quando se refere a amigos.⁶

Mais difícil seria recompor, pelo menos em parte, a biblioteca brasileira desse francês que tanto amou o Brasil, se Hubert Sarrasin não tivesse reunido os testemunhos de seus amigos, no precioso livro *Bernanos no Brasil*.⁷

Os depoimentos apresentam-se contraditórios: uns dizem que o escritor francês lia muito; outros, quase nada. Contrariando essa última versão, Jean-Loup Bernanos nos esclarece a esse respeito: o pai guardava poucos livros por causa das constantes mudanças e tomava-os emprestados com frequência e, de modo especial, da impressionante biblioteca do convento franciscano do Rio, do qual seu amigo, o padre Tauzin, era prior.⁸

⁵ Eis um trecho de uma carta destinada à tradutora: "A senhora compreende a importância que atribuo a meus pobres artigos, já que constituem momentaneamente o único meio de que disponho para dar testemunho sobre meu país. Que a senhora tenha tanto trabalho para me ajudar, que a senhora me ajude tanto, isso cria entre a senhora e eu um laço de amizade que se assemelha às belas amizades da guerra (a outra, a verdadeira!), aquelas que são ainda hoje para mim a parte a mais preciosa de minha vida" (tradução minha) (apud Jean-Loup Bernanos, *George Bernanos à la merci des passants*, Paris, Plon, 1986, p. 339).

⁶ "Penso também nos meus amigos de Rio que as circunstâncias ou o seu estado de saúde os retêm na casa deles, particularmente em vosso poeta, Murilo Mendes, que acaba de publicar um admirável livro que honra o Brasil, que nos honra a todos." Pela data da conferência, é mais provável que Bernanos se refira ao livro *As metamorfoses* (Rio de Janeiro, Ocidente, 1944), que, por suposição minha, já devia estar no prelo. Estranha seria a referência "acaba de ser publicado" ao livro, *O visonário*, que saiu em 1941 (Rio de Janeiro, José Olympio).

⁷ Hubert Sarrasin, *Bernanos no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1968.

⁸ Georges Bernanos, Jean-Loup. *Georges Bernanos à la merci des passants*. Paris: Plon, 1986, p. 349.

Mas o fato é que os testemunhos nos mostram que Bernanos leu obras importantes e fundamentais da Literatura Brasileira: "Achava uma delícia as *Memórias de um sargento de milícias* e prezava em particular os livros de Lima Barreto", é o que nos diz Geraldo da França Lima (p. 115).

Seu outro amigo, Edgar de Godói da Mata-Machado, assim nos introduz à biblioteca brasileira de Bernanos: "Dos brasileiros tomou contato com alguns modernos e, entre os de ontem, com Machado de Assis, cuja obra 'estimava muito', disse-nos uma vez, 'mas não conseguia amar'" (p. 117).

José Fernando Carneiro menciona maior número de escritores: "Leu atentamente nossa literatura (Euclides, Machado, Gilberto Freire, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, etc.) com o mesmo interesse e curiosidade e espírito crítico com que ouvia as conversas daqueles que os procuravam" (p. 182).

Mas é Pedro Otávio Carneiro da Cunha que nos leva ao livro predileto de Bernanos:

Em matéria de literatura, nunca vi Bernanos falar com tanto entusiasmo quanto a respeito de *Minha vida de menina*, de Helena Morley. Como eu lhe dissesse que esse pseudônimo é de Alice Brant, amiga de minha família, revela o prazer que teria em conhecê-la, mas sem formalidades e cerimônias, se pudessem conversar simples e longamente.

Acha o livro extraordinário de simplicidade e frescor, de encanto, um retrato que deveria ser fidelíssimo de uma vida, de um lugar, de uma época. Começou a ler sem grande interesse, pouco a pouco ficou cativo daquelas histórias, aqueles casos sem importância, porém tão vivos, tão bem escolhidos, e de tanta espontaneidade. Tem lido e relido, fica vivendo na Diamantina do fim do século, acha uma delícia. A própria linguagem, as expressões, é como se ele estivesse ouvindo aquele modo brasileiro de dizer as palavras portuguesas. E aquele modo mineiro... (p. 195)

Colhe-se ainda no depoimento de Pedro Otávio mais uma referência a um autor brasileiro, também seu amigo: Lúcio Cardoso. Tinha lido a novela, *Inácio*, último livro de Lúcio, sobre o qual assim se pronunciara "*C'est le roman d'un poète...*". Tinha lido as últimas poesias de Lúcio e dissera: "*Charmantes! Il y en a de très belles*" (p. 198).

Do elenco de livros oferecidos por tais depoimentos, dois chamam a atenção pelo prazer que provocaram em Bernanos. Prazer reiterado pelo atributo que lhes foi por ele conferido: "Achava uma delícia as *Memórias de um sargento de milícias*. Tem lido e relido (*Uma vida de menina*), fica vivendo na Diamantina do fim do século, acha uma delícia".

Tomando-se como critério o gosto explícito, esses dois livros constituirão objeto de uma leitura mais demorada nos limites da possibilidade oferecida por este espaço, com a finalidade de se tentar captar em que corresponderiam ao horizonte de expectativa desse leitor especialíssimo, que os privilegia, em detrimento de Machado de Assis, cuja obra *estimava* mas "não conseguia amar".

A ação de *Memórias de um sargento de milícias*,⁹ de Manuel Antônio de Almeida, se passa na época de D. João VI, que viera ao Brasil por conta da invasão napoleônica,

⁹ São Paulo: Globo, 2004 (Clássicos Globo). Lembro que este texto foi elaborado para leitores não familiarizados com a Literatura Brasileira.

portanto no Brasil ainda colônia de Portugal. Destoando do clima romântico então vigente, esse romance de 1854, escrito sob o signo da tradição picaresca, retrata o Rio popular de D. João VI: “as famílias mal organizadas, os vadios, as procissões, as festas, as danças, a polícia; o mecanismo dos empenhos, influências, compadrios, punições, que determinavam uma certa forma de convivência e se manifestavam por certos tipos de comportamento”.¹⁰

São tantas as personagens envolvidas em seqüências de situações que o leitor se vê imerso num painel de acontecimentos, dispostos em blocos, em movimento contínuo, cuja ténue coesão é garantida por Leonardo, fruto dos amores de Leonardo Pataca e de Maria, no navio que os traria de Lisboa para o Rio. Os amores terminaram, quando Pataca se descobre traído por Maria. O menino é abandonado pela mãe fugitiva e pelo pai que, infeliz, deixa a casa e o confia ao barbeiro, seu compadre. Criado pelo padrinho que sonha com um belo futuro para o afilhado, Leonardo, verdadeiro anti-herói, percorre os diversos cantos da cidade colonial e se vê em várias situações e confusões. Isso lhe permite uma convivência, regida pela lei do logro, com uma galeria de tipos populares. Mas o clima dominante da trapaça, da malandragem e da busca de proveitos próprios é temperado por uma certa solidariedade e afeto, o que torna as personagens simpáticas ao leitor, a começar por Leonardo. Como bem diz Antonio Candido, “Leonardo é apenas o ‘menino’: e uma vez definido pelo romancista aos quatro anos de idade, permanece tal e qual até a última página: travesso, esperto, malcriado, simpático e ágil”.¹¹

Essa matéria se conforma numa poética descosida, com um débil fio condutor, assegurado pela trajetória de Leonardo. Prática literária familiar a Bernanos. Basta citarmos seu romance *Sous le soleil de satan*, no qual se sobrepõem três dramas (a “possessão” de Mouchette por satã; a história de Donissan e a glorificação do Santo de Lumbres) que parecem não ser ligados entre si, mas que se comunicam pelo débil fio de personagens que se repetem – Mouchette, nas duas primeiras partes e Donissan, nas duas últimas.¹²

A esse aspecto soma-se outro, talvez até mais pertinente, para explicar a identificação de Bernanos com *Memórias de um sargento de milícias*: não exprime uma visão de classe dominante.¹³ Vale lembrar que esse escritor abominava o convívio com as camadas superiores da sociedade. A esse respeito já foi apontado que os estreitos laços que teceu com a elite intelectual e econômica no Brasil teria sido mais uma de suas contradições.¹⁴

¹⁰ Antonio Candido, *Formação da Literatura Brasileira*. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, p. 218. A leitura de *Memórias de um sargento de milícias* está impregnada das idéias de Antonio Candido. O alvo desta comunicação não é o estudo crítico do romance de Manuel Antônio de Almeida, mas a recepção, por parte de Bernanos, da *Literatura Brasileira*.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 218.

¹² Ver Maria Cecília de Moraes Pinto, “Vomitar os mornos”. *Folha de S.Paulo*, Folhetim, 25.12.1987.

¹³ Cf. Antonio Candido, *Dialética da malandragem*, in *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993, p. 51.

¹⁴ Cf. Sébastien Lapaque. *Sous le soleil de l'exil*. (Georges Bernanos au Brésil 1938-1945). Paris: Grasset, 2003. p. 49.

Seu encantamento pela obra de Manuel Antonio de Almeida justificar-se-ia ainda por duas razões. A primeira delas: o tom predominantemente humorístico de *Memórias de um sargento de milícias* opõe-se ao trágico e à gravidade que permeia seus próprios romances. Isso lhe teria permitido experimentar literariamente uma certa leveza, num período carregado de nuvens sombrias (Segunda Guerra Mundial). O romance evoca com humor um mundo antigo desorganizado e termina sob um clima de reconciliação.

A segunda é que Bernanos tem acesso, por meio da ficção realista, à vida cotidiana daquela época. Nesse sentido, acertou ao se *deliciar* com o romance de Manuel Antonio de Almeida porque, intencionalmente ou não, teve contato com uma obra importante para conhecer o Brasil do passado, com algumas repercussões ainda presentes no período em que morou entre Rio de Janeiro e Minas Gerais. Além disso, familiarizou-se com o malandro Leonardo, precursor, como a crítica afirmou reiteradamente, de *Macunaima*, o herói sem nenhum caráter do famoso romance modernista de Mário de Andrade. No mínimo, ele passou de raspão por temas fundamentais de nossa literatura, intimamente relacionados com reflexões sobre a identidade brasileira.

Bernanos se *deliciou* mais ainda, como já foi dito, com um outro livro, publicado em 1942: *Minha vida de menina*, de Helena Morley, o pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant. A conselho de seu pai, a menina anotou suas observações sobre o mundo que a rodeava, entre os doze e os quinze anos (de 1893 a 1895).

No prefácio da primeira edição, informa-nos a autora que começou a rever e ordenar seus escritos sobre o que ocorria com ela e sua família na infância e juventude para repassar às suas netas. Surgiu de repente a idéia de ampliar suas leitoras. Daí a publicação do livro, para mostrar às meninas daquela época a diferença entre a vida de então e a existência simples que tivera no final do século XIX. Ainda, segundo a autora, não fizera nenhuma modificação nos escritos, “além de pequenas correções e alterações de alguns nomes”. O fato é que esse livro causou impacto imediato nos intelectuais e escritores brasileiros, por seu valor literário, histórico e sociológico. E ultrapassou muito as finalidades educadoras e moralizantes a que se propusera, pelo menos aparentemente, a autora no prefácio, ao tentar transmitir às netas a idéia de que “A felicidade não consiste em bens materiais mas na harmonia do lar, na afeição entre a família, na vida simples, sem ambições- coisas que a fortuna não traz e muita vezes leva”.¹⁵ Tudo isso muito ao gosto de Bernanos.

Chegou-se a suspeitar de que Alice Brant teria escrito esse livro na maturidade, com plena consciência da construção literária. Até hoje não se esclareceu essa questão. Com ou sem intenção artística, *Minha vida de menina* mantém o frescor e a espontaneidade de um diário escrito por uma adolescente.

No prefácio a edições posteriores desse livro, Alexandre Eulálio inclui uma citação de Bernanos (a quem qualifica como um dos melhores leitores de *Minha*

¹⁵ Helena Morley, *Minha vida de menina*, São Paulo, 2004, 8ª impressão, p. 14. Para a poeta Elizabeth Bishop, tradutora do livro para o inglês nos anos 1950, essas palavras iniciais da avó às netas são obra do marido de Alice Dayrell Caldeira-Brant, que acompanhou minuciosamente a tradução (cf. Roberto Schwarz, *Dois meninas*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p. 46).

vida de menina), sem indicar a fonte: “ele nos faz ver e amar tudo aquilo que a sua autora viu e amou, precisamente por ser soprado pelo puro gênio da adolescência, o mais próximo da “misteriosa e encantada fonte da vida e da arte”¹⁶

Inscrito no gênero diário, *Minha vida de menina* dispensa maiores explicações naquilo que, no que se refere à estrutura literária, corresponde ao horizonte de expectativa de Bernanos, se é que se possa reconstruí-lo parcialmente, considerando-se sua própria obra literária. Nesse caso preciso, remeto ao *Journal d'un curé de campagne*, ciente de que para especialistas em Bernanos tal referência é redundante.

Já foi dito mais ou menos nestes termos: Bernanos não gosta de organizações muito perfeitas que não respondem à desordem da vida. Qual forma literária mais adequada para responder à desordem da vida? No que diz respeito à biblioteca brasileira de Bernanos, as duas obras, que mais lhe deram prazer, incluem-se em gêneros propícios aos movimentos da vida: o romance picaresco e o diário.

Minha vida de menina é mais um livro que leva Bernanos ao Brasil do passado. Dessa vez, não tão distante, quanto o de *Memórias de um sargento de milícias*. O diário de Helena Morley mergulha-o no interior de Minas, “uma terra de mineração, entre urbana e rural, a Diamantina do fim do século XIX, que começava a atravessar um período de decadência econômica bastante grave”¹⁷.

Helena Morley, a menina que integra a parte pobre de uma família com membros abastados, nos relata o seu dia-a-dia entre pais, irmãos, avó, tios, primos e primas, as colegas da Escola Normal, o Palácio do Bispo etc., e também nos coloca em contato com as camadas mais desfavorecidas da cidade: ex-escravos, vizinhos pobres, mendigos, lavadeiras, lenheiras, garimpeiros e tropeiros. Retrata com vivacidade e humor o cotidiano em Diamantina, que funciona como amostra da sociedade provinciana brasileira, nos decênios finais do século XIX, período em que o Brasil proclamara a República e aboliu a escravidão, sem dispor de condições para absorver os escravos libertos como trabalhadores assalariados. Descreve as festas religiosas, as reuniões familiares, os passeios e trabalhos no campo e na mineração. Tudo isso regado, no dizer de Roberto Schwarz, por comentários perspicazes e reflexões da menina sobre os costumes arraigados da época e alimentado por questões que irrompem a partir do relato das relações interpessoais e da descrição da vida cotidiana, como as contradições sociais, as lentas inovações tecnológicas e as várias faces do “racismo cordial”¹⁸.

O diário de Helena registra um mundo antigo, no qual se mantém íntegra a velha sociedade patriarcal, sob cuja batuta permanecem ainda intactas suas coordenadas. Nada mais adequado para cair no gosto de Bernanos. Tudo isso acrescido

¹⁶ Helena Morley, *Minha vida de menina*, op. cit., p. 8. A fonte dessa citação é a carta que Bernanos enviou a Alice Brant, em 1945. Tive acesso a ela, sob forma de reprodução fac-símile, no livro traduzido por Marlyse Meyer, a quem agradeço a indicação. A tradução foi publicada em 1959, pela Calmann-Lévy, com o título de *Journal d'Helena Morley*.

¹⁷ *Idem*, *ibidem*, p. 9

¹⁸ Boa parte dessas questões já foi apontada pela crítica. Mas o ensaio “A outra Capitu”, de Roberto Schwarz, constitui a leitura mais completa, original e instigante de *Minha vida de menina*, que se apresentou até hoje.

de “bucolismo de muitos episódios... sítios amenos, alegrias rústicas, dignidade do trabalho, sociedade idealmente simples, com esfera material reduzida”¹⁹ (temas que se tecem com os outros já mencionados em *Minha vida de menina*) ajusta-se perfeitamente aos valores perseguidos por Bernanos.

Por sua vez, a menina Helena é humana e em alguns momentos revela-se *enfant terrible*, com manifestações subversivas para o contexto da época. Nada mais atraente para um leitor que tinha consciência da “Infância que carregava ainda em si”, como assinala Murilo Mendes em “Bernanos: Instantané”²⁰. Se isso for verdade, justificam-se plenamente o lugar concedido pelo irreverente Bernanos à criança em sua obra e sua identificação especial com esses dois livros de sua biblioteca brasileira.²¹

Na conferência “La culture française et les enfants brésiliens”, pronunciada no final de 1944 ou início de 1945, quando se despedia do Brasil, Bernanos relewa o papel das crianças e dos pobres no seu processo de conhecimento do país que o acolhera por sete anos:

se o povo de Minas me fez compreender o Brasil, foram os pobres de Minas que me fizeram compreender o povo mineiro, por que não lhes prestaria hoje uma modesta homenagem, que aliás, nunca chegará até eles? Moro numa casa que fica na extremidade da mais miserável periferia (faubourg) de Barbacena. À medida que avanço na idade, isto é, que ouço há muito tempo os imbecis falarem a torto e a direito daquilo que nunca aprenderam, creio cada vez mais que conhecemos um país por meio de suas crianças e seus pobres.²²

As conversas, convivências e discussões com amigos francófilos e francófonos permitiam a Bernanos debater as questões da guerra, da modernidade, do avanço da tecnologia. Esse era o Brasil das elites, que Bernanos conheceu, freqüentou, amou e de quem obteve apoio moral e material. Se tivesse ficado apenas nesse meio, mal teria conhecido o país, que se tornou sua casa. Bernanos teve acesso ao país dos pobres do período colonial e do final do século XIX, por meio da Literatura. Nos anos de sua permanência no Brasil, ele o vivenciou de fato, por opção e em consonância com os valores que apregoava, numa fase em que já se autodefinia como um “socialista prudhoniano atraído pela monarquia”²³. Assim, passou pela experiência das duas extremidades do país acolhedor, complexo na sua diversidade de muitos brasis.

O diário de Helena Morley foi lançado em 1942, quando Bernanos já se encontrava no Brasil. A partir da data e das palavras iniciais da carta que o leitor entusiasmado enviou à autora, infere-se que essa, ao tomar conhecimento de quão apreciada fora pelo *enfant terrible das Letras Modernas*, enviou-lhe um exemplar de presente.

¹⁹ Cf. Roberto Schwarz, *Dois meninas*, op. cit., p. 129.

²⁰ Murilo Mendes, *Poesia e Obra completa*, Rio de Janeiro, Aguilar, 1994, p. 1572 (Papiers).

²¹ Tristão de Atafde, um de seus grandes interlocutores no Brasil, chamava-o de *enfant terrible* das Letras Modernas.

²² Georges Bernanos, *Le chemin de la Croix-des-Âmes*, Paris, Rocher, 1987, première édition complète (Nouvelle édition, complétée, corrigée et annotée par Brigitte et Jean-Loup Bernanos, d'après les manuscrits. Augmentée de tous les articles et messages écrits au Brésil. p. 844.

²³ Cf. Sébastien Lapaque, *Sous le soleil de l'exil*, op. cit., 2003, p. 25.

A carta é datada de 30 de maio de 1945. Vale a pena transcrevê-la na íntegra:

Madame,

Je suis très touché de l'intention que vous avez eue de m'envoyer votre livre, mais je crois que vous savez déjà combien je l'admire et je l'aime. Vous avez écrit, Madame, un de ces livres si rares dans toutes les littératures qui ne doivent rien à l'expérience, au talent, mais tout à l'ingénium, au génie – car il ne faut pas avoir peur de ce mot tant de fois détourné de son sens, au génie pris à sa source même, au génie de l'adolescence. Par là ces souvenirs d'une petite simple petite fille de Minas posent le même problème que les fulgurants poèmes de Rimbaud. Si prodigieusement différents qu'ils paraissent aux imbéciles, nous savons qu'ils appartiennent tous deux à la même part mystérieuse, – magique –, de la vie et de l'art.

Il est probable que vous ignorez la valeur de ce que vous nous avez donné. Pour moi, qui la sens si profondément, je ne saurais la définir. Vous nous faites voir et aimer tout ce que vous avez vu et aimé vous-même en ce temps – là, et chaque fois que je ferme votre livre, je me convaincs un peu plus que le secret m'en échappera toujours. Mais qu'importe! C'est bien émouvant de savoir (?) que la petite fille que vous avez été, ainsi que le petit univers dans lequel elle a vécu, ne mourra jamais.

Daignez agréer mon hommage,

Bernanos

[Estou muito sensibilizado com sua intenção de me enviar seu livro, mas creio que a senhora já sabe o quanto o admiro e o amo. A senhora escreveu um destes livros tão raros em todas as literaturas que não devem nada à experiência, ao talento, mas tudo ao *ingénium*, ao *génie* – pois não é preciso ter medo desta palavra tantas vezes desviada de seu sentido, ao *génie* tomado na sua própria fonte, ao *génie* da adolescência. Desta maneira, estas lembranças de uma jovem simples de Minas colocam o mesmo problema que os fulgurantes poemas de Rimbaud. Por mais prodigiosamente diferentes que eles pareçam aos imbecis, sabemos que ambos pertencem à mesma parte misteriosa, – mágica –, da vida e da arte.

É provável que a senhora ignore o valor daquilo que nos deu. Quanto a mim, que o sinto tão profundamente, não saberia defini-lo. A senhora nos faz ver e amar tudo o que a senhora viu e amou naquele tempo, e cada vez que fecho seu livro, fico um pouco mais convencido que seu segredo me escapará sempre. Mas o que importa! É bem emocionante saber (?) que a jovem que senhora foi, assim como o pequeno universo no qual ela viveu, não morrerá nunca.

Aceite minha homenagem,

Bernanos.]

Ao deixar registrado esse juízo estético e a admiração por *Minha vida de menina*, Bernanos não sonhava que essa carta, anos depois, comporia uma importante peça de argumentação para que a editora Calmann-Lévy o publicasse, em tradução feita por Marlyse Meyer em 1959. Saiu com o título de *Journal d'Helena Morley*. Na parte superior da capa, a reprodução *fac-simile* do segundo parágrafo da carta e da assinatura de Bernanos; na metade inferior o título da edição francesa, *Journal d'Helena Morley*. Quaisquer que tenham sido as estratégias editoriais para atingir o público francês, o fato é que a capa da edição de Calmann-Lévy acerta ao expor Bernanos como leitor de Helena Morley, mas erra ao omitir qualquer vínculo com o país que ele tanto amou e que forneceu a matéria para o livro predileto de sua biblioteca brasileira. Mas este é um assunto a ser tratado em outra esfera.²⁴

²⁴ Segundo depoimento da tradutora, *Journal d'Helena Morley* não atingiu grande número de leitores em Paris; foi mais bem recebido no interior, porque teria havido algum tipo de equívoco no sistema de divulgação.

Apreciados e reconhecidos pela crítica até hoje, os livros prediletos de Bernanos, *Memórias de um sargento de milícias* e *Minha vida de menina* não ocupam a primeira fileira das obras canônicas da Literatura Brasileira, dentre as quais se salientam as de Machado de Assis, as quais *estimava* porque, provavelmente, deveria reconhecer seu alcance literário, mas *não conseguia amar*, porque estaria muito distante daquilo que ele viera procurar no Brasil e porque, decerto, escapou-lhe a especificidade brasileira na dicção universal machadiana. Além disso, Bernanos, homem visceralmente ligado ao interior, à terra, ao desejo de reviver antigas e pequenas comunidades agrárias, antimoderno, por excelência, antiurbano, não teria encontrado resposta para suas expectativas nos romances de Machado de Assis. Mais ainda: o escritor católico, cuja obra literária contempla o enfrentamento entre a angústia e a fé, a mentira e a dissimulação, a fé e a esperança, não se compatibilizaria com o ceticismo machadiano.

Enfim, as obras preferidas de Bernanos muito dizem sobre o Brasil, mas são as suas preferidas porque responderiam a seu horizonte de expectativa na forma literária e na sua visão de mundo. Enquanto frequentador da Literatura Brasileira, o nome do escritor francês ficará registrado no prefácio a *Poemas*, de Jorge de Lima e como leitor arguto e apaixonado de *Minha vida de menina*, responsável, indiretamente, por sua publicação na França. Quando chegou ao Brasil, Bernanos tinha cinquenta anos e o conjunto de sua obra literária já fora realizado. Este fato, aliado ao seu ideário, talvez justifique não apenas sua relação comedida com a obra de Machado de Assis, mas, também, a ausência na sua biblioteca brasileira de autores, como Mário e Oswald de Andrade. Neste caso, *l'enfant terrible das Letras Modernas* foi um leitor *comportado das Letras Brasileiras*.

Monsieur Ouine, finalizado no Brasil, vinha sendo escrito há dez anos, com muitas interrupções por causa das mudanças e da guerra.